



## **SOCIEDADES NEOLIBERAIS NAS URNAS: UMA NARRATIVA RUMO AO DEVER DA LIBERDADE VIGIADA**

### **NEOLIBERAL SOCIETIES AT THE BALLOT BOX: A NARRATIVE TOWARDS THE DUTY OF GUARDED FREEDOM**

**Lilian de Souza Zielinski<sup>1</sup>**

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4791-4778>

Submissão: 12/06/2023

Aprovação: 30/07/2023

#### **RESUMO:**

O artigo destina-se à pesquisa do comportamento do eleitor-cidadão, desfraldando na contemporaneidade uma narrativa neoliberal para afirmação democrática. Uma amálgama que brota das distopias, construindo-se no imaginário global, vindas de diferentes origens, medos e anseios, mas projetadas em esperanças que vertem do governo que reúne uma plêiade de representantes em defesa de políticas públicas que promovem a inserção de indivíduos de diferentes etnias e classes, na realidade de inúmeros contextos sociais que permeiam na constatação da trilha histórica, filosófica e sociológica, havendo neste rastro, a observação da atuação política do eleitor-cidadão demonstrada na investigação de dois elementos que se apresentam numa liberdade vigiada, sendo por um lado, através de aspectos afirmativos e, por outro lado, aspectos negativos, cujo percurso, o trabalho demonstra que a busca por qualquer ponto de vista que se considerar, apresenta um viés novo e promissor voltado ao olhar da tríade "liberdade, igualdade, fraternidade" em contraponto às ideias democrático-totalitárias, incrustadas nas civilizações subjugadas na liberdade vigiada pelo Estado, principalmente, sob a égide do controle da ordem econômica, social e cultural.

---

<sup>1</sup> Graduada em Direito pela Universidade Mackenzie. Pós-Graduada em Direito Processual Civil e Direito Processual Penal pela EPM – Escola Paulista da Magistratura do TJSP. E-mail: [lzielinski@tjsp.jus.br](mailto:lzielinski@tjsp.jus.br) - Ark:/80372/2596/v12/014

**PALAVRAS-CHAVES:** Sociedades neoliberais. Direito Eleitoral. Políticas Públicas. Existencialismo por Jean-Paul Sartre. Liberdade vigiada.

**ABSTRACT:**

The article is intended to research the behavior of the voter-citizen, unfolding in contemporary times a neoliberal narrative for democratic affirmation, An amalgam that springs from the dystopias, building in the global imaginary, coming from different origins, fears and longings, but projected in hopes that pour from the government that brings together a plethora of representatives in defence of public policies that promote the insertion of individuals from different ethnic groups and classes, in the reality of numerous social contexts that permeate in the verification of the historical, philosophical and sociological trail, having in this track, the observation of the political performance of the voter-citizen demonstrated in the investigation of two elements that present themselves in a guarded freedom, being on the one hand, through affirmative aspects and, on the other hand, negative aspects, whose path, the work demonstrates that the search for any point of view that is considered, presents a new and promising bias directed to the triad "liberty, equality, fraternity" in counterpoint to the democratic-totalitarian ideas, embedded in civilizations subjugated in the freedom watched by the State, mainly, under the aegis of the control of the economic, social and cultural order.

**KEYWORDS:** Neoliberal societies. Electoral Law. Public policies. Jean-Paul Sartre's Existentialism. Surveilled freedom.

## 1. INTRODUÇÃO

Oferecer uma análise do tema, através dos saberes que emanam luzes ou trevas sobre do comportamento das sociedades neoliberais narradas pelas urnas, pelo sufrágio universal, partiu do interesse mais pelo resultado da pesquisa do que pela própria pesquisa. A este propósito, o estudo lançará um olhar para uma realidade que não se poderá passar despercebida, uma leitura que é fornecida pelos resultados aferidos nas urnas para eleger candidatos que se lançam no cenário político das nações democráticas. Diante dessa visão, uma pergunta inquietante acompanhará o desenvolvimento deste trabalho: Poderá ser esta realidade interpretada também fora da seara histórica, filosófica e científica?

A este propósito, o artigo se debruça, para uma análise dos rumos que pensam as sociedades modernas, ao qual, será observada quais as razões que movimentam que

turvam uma visão mais próxima, estão os povos de países democráticos, caracterizados por uma época de autolegitimação do saber científico. Outro desafio será compreender se esta travessia pelo século XXI, está sendo caracterizada pela “superação” no conhecimento das realidades que se mostram, no cenários das eleições, através da literatura, artes e filosofia. Não se ocupará este artigo em defender ou criticar as modernas sociedades, longe disso. Dessa maneira, a analisar dois elementos que se mostram: a observação da atuação política do eleitor-cidadão demonstrada na investigação que se apresentam pelo viés da liberdade vigiada, sendo por um lado, através de aspectos afirmativos e, por outro lado, aspectos negativos, demonstrando que a busca por qualquer ponto de vista que se considerar, apresenta um viés novo e promissor voltado ao olhar da tríade "liberdade, igualdade, fraternidade" em contraponto às ideias democrático-totalitárias, incrustadas nas civilizações subjugadas na liberdade vigiada pelo Estado, principalmente, sob a égide do controle da ordem econômica, social e cultural.

## **2. A POLÍTICA DA SOCIEDADE NEOLIBERAL ANALISADA PELO VIÉS DO CENÁRIO ELEITORAL**

Narrar algo sobre o neoliberalismo, discorrer sobre este modo neoliberal construído por uma trajetória histórica, cultural, sociológica, antropológica, econômica etc. Há várias discussões na literatura neoliberalista que estuda sobre a complexidade do tema, apresentando vários ângulos, várias perspectivas teóricas diferentes, e este artigo apenas se ocupará em observar o comportamento das sociedades, que vivenciam esta realidade de sistema econômico, trazendo uma visão das possibilidades das formas e comportamentos que se expressam no cenário eleitoral, justamente impactando e modulando um perfil no consciente do cidadão e cidadã eleitores, quando convocados a participar do ato cívico em período eleitoral. Algo sobre neoliberalismo, remete-se a ideia do capitalismo que adquiriu ao longo da história, várias transformações da sociedade capitalista e tal como as sociedades, o capitalismo sofre mutações, justamente para continuar reproduzindo as relações básicas que compõem a sociabilidade capitalista.

O neoliberalismo criou condições políticas para o atual estágio de globalização, com a abertura de mercados e conseqüente redução do protecionismo, teoria esta, oposta do livre comércio. Outra característica do neoliberalismo é a não intervenção do Estado,

resgatando as ideias clássicas do liberalismo. A globalização que vivemos atualmente é o resultado do avanço de discurso político econômico. Esse modelo neoliberal vai tentar resgatar os pressupostos do liberalismo econômico como os de Adam Smith, John Locke e outros pensadores importantes do século XVI, XVII. Tentando recuperar as visões de uma sociedade livre, o neoliberalismo surgiu a partir da Segunda Guerra Mundial, nascendo, portanto, uma sociedade de mercado aberto. Foi nesta tentativa de romper com Estados interventores alegando que o Estado, ao intervir demais, tira a liberdade das ações econômicas, principalmente no que diz respeito a livre iniciativa privada, este cenário histórico demonstra evidentes nexos causais que, com o aparecimento do neoliberalismo, a ordem social,- por meio da qual os capitalistas empreenderam a recuperação da hegemonia econômica, social, política e cultural nas sociedades de capitalismo avançado e a neocolonização das nações periféricas, - impossibilitou o enfrentamento das raízes de suas inexoráveis crises. Foi logo após a Segunda Grande Guerra, optou-se pela estratégia da "fuga para frente", de modo a dar sobrevida a suas cíclicas fases de expansão da acumulação de capital, criando-se um padrão de acumulação que ficou conhecido como fordismo<sup>2</sup>, cujo esgotamento, a partir de meados da década de 1960, passa a comprometer seriamente a acumulação de capital nos países de capitalismo avançado, deflagrando uma crise cuja natureza, inédita, ameaça sobremaneira a própria existência do sistema.

Dentro desse prisma, as ideias neoliberais ganham forças também, a partir do colapso do bloco socialista onde tínhamos um Estado altamente interventor, a chamada "Economia Planificada"<sup>3</sup>, onde o Estado determinava o que, como e quando produzir.

Quando esse modelo entrou em colapso, passou a disseminar a ideia de que o Estado altamente interventor seria prejudicial para a economia, com isso, então, fez predominar a filosofia neoliberal.

Ao reportar-se sobre o neoliberalismo, observa-se que este fenômeno que diz respeito a materialização, do modo de produção capitalista nas relações sociais em determinado tempo histórico, portanto, não afasta os estigmas inerentes do neoliberalismo a qualquer seguimento das convenções humanas, por justamente se traduzir por um modo sistêmico de operar na vida em sociedade. Verifica-se fartas críticas daqueles que o fazem com bases fundamentas do modo como se opera o sistema capitalista e, de um jeito ou de

---

<sup>2</sup> O **Fordismo** recebeu este nome em homenagem ao seu criador, Henry Ford. Este instalou a primeira linha de produção semiautomatizada de automóveis no ano de 1914.

<sup>3</sup> A economia planificada é a proposta econômica que defende a máxima intervenção estatal na economia. Nessa lógica econômica, o estado é o principal detentor da produção.

outro, esse assunto engloba uma série de questões e possibilidades, pelos autores marxistas, que são críticos ferozes do neoliberalismo. Destarte, tratando de assunto muito complexo e considerando-se alguns aspectos fundamentais, tentar englobar - em que pese as várias perspectivas – mantém-se esta análise apenas para conceituá-lo na específica moldura que a temática deste artigo propõe.

Ademais, o termo liberalismo não é uma criação dos críticos do liberalismo e nem de grupos políticos de esquerda. O termo foi utilizado pioneiramente pelos próprios defensores do liberalismo, dos quais destaca-se, dentre outros, o economista austríaco Friedrich August von Hayek<sup>4</sup>.

Neoliberalismo, portanto, é o nome dado a um conjunto de teorias sociais que fundamentam a especialidade do chamado livre mercado; serve para demarcar a diferença que os liberais estabelecem em relação ao chamado liberal clássico ou naturalismo liberal, para o chamado neoliberais. O livre mercado não é um dado natural, ou seja, o livre mercado é uma construção política cultural, entretanto, por mediações espontâneas dos seres humanos, entende-se tratar-se de uma construção social e jurídica.

A ciência na atualidade tem funções sociais que são observadas, sem o prejuízo de tantas outras observações a serem colacionadas no universo jurídico-estatal-científico, cujos ramos das ciências econômicas, políticas e sociais, por mais distante que o próprio trabalho possa estar da aplicação técnica, ainda sim é um elo na cadeia de ações e decisões que determinam o destino da raça humana. A perspectiva desse destino ao qual será demonstrado neste trabalho, caminha-se para um pesadelo, cujos pensamentos das sociedades neoliberais distinguem o possível e o impossível, o sensato e o insensato, ao ponto do que é possível carecer de sentido.

Ressalta-se que as incertezas também são fundamentais para a vida, possibilitando um mundo infinitamente maior para se explorar. Não poderiam ser admissíveis em nenhum campo da ciência, crer em ideias sobre certeza absoluta, precisão absoluta, verdade suprema, etc., são produtos da imaginação humana que o tornam o próprio produto, indo além da ideia de consumidor, face ao comportamento transformador que caminha para numa visão do que se entende pelo clássico conceito de consumidor na cadeia consumerista e o que a realidade aponta, tornando o próprio consumidor um produto, uma coisa, um prosumidor (produto + consumidor). Por que a crença de que exista apenas uma verdade,

---

<sup>4</sup> **Friedrich August von Hayek**, (Viena, 8 de maio de 1899 — Friburgo em Brisgóvia, 23 de março de 1992) foi um economista e filósofo austríaco, posteriormente naturalizado britânico. É considerado um dos maiores representantes da Escola Austríaca de pensamento econômico. Foi defensor do liberalismo clássico e procurou sistematizar o pensamento liberal clássico para o século XX, época em que viveu.

estando o próprio ser de posse dela, é o que se verifica ser a raiz de todos os males do mundo.

## 2.1. (RE)DESENHAR A GEOPOLÍTICA DA AMÉRICA DO SUL? ANÁLISE DA ATRAVÉS DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Amorim<sup>5</sup>, traz valiosas reflexões ao mencionar que o mesmo pode ser dito a respeito dos países quando se refere ao pensamento de José Ortega y Gasset: “o homem é o homem e sua circunstância”. Diz Amorim que “no caso de um país grande, como o Brasil, a circunstância é o mundo.” Cada país da América do Sul tem seus processos internos e pensar numa ação coordenada com o Brasil, constitui uma circunstância imediata.

A realidade, porém, demonstra que os países da América do Sul, vizinhos ao Brasil, encontram-se no nível mais baixo desde o início da Nova República, o que provém, partindo-se de uma ação coordenada de fora, pelo caminho da cooperação.

Amorim, menciona que: “a evolução na Argentina e na Bolívia, por exemplo, reacende as esperanças”. Para integração sul-americana e de maior aproximação no conjunto da América Latina e Caribe parece ser a principal tarefa dos defensores, a fim de contenção de danos. Afirmando que a realidade já foi outra e que é possível a construção de uma América Latina e Caribe fortes, unidos em sua diversidade e reconstruindo “laços de confiança”. Superar as brutais desigualdades e romper com a dependência externa, é um dos principais desafios de uma política externa que defenda os interesses nacionais sem abandonar a solidariedade e o respeito pelos nossos vizinhos, o que há de continuar a ser por muito tempo, uma tarefa de todos os que desejam uma América Latina mais justa e autônoma. “A nova geopolítica mundial, com seus traços de multipolaridade e de rivalidade bipolar entre Estados Unidos e China, apenas reforça essa necessidade.”<sup>6</sup>

Almada faz um alerta que “não é fácil a caminhada para a liberdade.”<sup>7</sup>

Para o autor, havia à época, desde o início do século XXI, um protagonismo revolucionário e transformador assumido pela Venezuela e América Latina e foi a partir do reordenamento de sua política interna. Embora Almada indagasse se de fato o protagonismo que se nutria substancialmente da relação com o povo. As Forças Armadas, provocada pela Revolução Boliviana, configurou um novo desenho político e socioeconômico para a região.

<sup>5</sup> AMORIM, Celso. *Laços de confiança: o Brasil na América do Sul*. São Paulo: Benvirá, 2022, p.11

<sup>6</sup> *Ibidem*

<sup>7</sup> ALMADA, Izaías. *Venezuela: povo e Forças Armadas*. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2007, menciona a frase de Nelson Mandela em mensagem enviada a um congresso da ANC em 1952 (ALMADA, 2007).

Entretanto várias foram as iniciativas do governo Chávez nesse sentido: os acordos com Cuba, onde a Venezuela ignora na prática o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos; a criação da ALBA em oposição a ALCA, onde o conceito de comércio se baseia na solidariedade e não exclusivamente nos números frios das exportações e importações; as novas relações políticas e econômicas mantidas com países como a Argentina, o Uruguai, o Brasil, o Equador e mesmo a Colômbia, vizinho de situação política interna complexa. A criação da Telesur na área das comunicações. Da Petrocaribe e da Petrosur na área energética. Houve também a possibilidade de criação do Banco del Sur. Com sua política externa de integração e solidariedade, a Venezuela dá o exemplo pedagógico de que é possível enfrentar o dragão do neoliberalismo sem temores ou como cautelas excessivas.<sup>8</sup>

Almada lançou suas dúvidas sobre a Bolívia de Evo Morales, renovar políticas internas de reordenamento, apesar da desconfiança que houve, por inúmeros analistas políticos de que se trata de mais um “populista” a se eleger na América do Sul, sendo que esses mesmos políticos, lançaram a mesma análise com relação a Chávez, Fidel, alegando terem o mesmo discurso muito parecido que Morales, preconizando uma transformação cada vez mais necessária e possível para a região.<sup>9</sup> Nessa mesma direção os cubanos, enfrentam o bloqueio norte-americano contra o seu país, o que, para Almada, pareceu encontrar na Venezuela uma parceria firme e a decisão de buscar alternativas concretas ao neoliberalismo, pareceu se mostrar estimulante para outros países que lutam há anos para sair do subdesenvolvimento e da dependência econômica em que se encontram.

Muitas foram as críticas dos analistas políticos bolivianos e internacionais sobre a vitória de Evo Morales nas eleições presidenciais, em dezembro de 2005, com 54% dos votos válidos. Morales desmentiu as pesquisas eleitorais e fato que ocorreu pela primeira vez na história da política boliviana. E para que não pairassem dúvidas quanto às suas alianças e parcerias estratégicas iniciais, antes de tomar posse, Morales tratou de visitar Fidel Castro em Havana e Hugo Chávez em Caracas. E menciona Almada a ironizada frase de Chávez: “O eixo do bem”, ao provocar a Casa Branca.

Antes de sua posse, Morales seguiu viagem pelo mundo e, passando por Caracas, foi recebido com honras de chefe de Estado. Entre os presentes a essa recepção estavam Ollanta Humala e sua esposa. Humala viajou na condição de candidato nacionalista ao governo do Peru nas eleições previstas para abril de 2006. O fato não passou despercebido da imprensa latino-americana e, na velha orquestração de sempre, comandada por

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 147

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 148

Washington, não faltou que visse no episódio a “interferência de Chávez na política interna do Peru”. Humala perderia as eleições para Alan García.

Lembrança trazida pelo Almada sobre a chegada ao governo uruguaio da Frente Ampla de Tabaré Vázquez<sup>10</sup>, não houve uma corajosa posição da Argentina de enfrentar as ameaças do FMI e dos credores internacionais, bem como do discurso de Nestor Kirchner na abertura do Encontro de Mar Del Plata em novembro 2005<sup>11</sup>, quando nomeou claramente o neoliberalismo como o grande culpado pelas agruras por que têm passado o seu país e a América Latina. Também o México, entre a peregrinação zapatista por todo o seu território e a candidatura esquerdista de Obrador, parece dar mostras de que pretende suplantar definitivamente os anos da hegemonia do PRI. Bem como a volta dos sandinistas ao poder na Nicarágua. Essa perspectiva pode, inclusive, dar novos contornos à vitória da socialista senhora Bachelet no Chile, país onde os fantasmas de Pinochet e sua sanguinária ditadura ainda agem sobre o inconsciente coletivo.<sup>12</sup>

Todos esses indicativos, aliados às circunstâncias, desencadearam um aprofundamento da Revolução Bolivariana venezuelana e de um significativo aumento e pressão dos movimentos sociais em toda a América Latina, fazem pressupor um novo desenho geopolítico para essa região e o mundo. Nada que faça ainda condenar à morte o

<sup>10</sup> **Frente Ampla:** é uma coalizão eleitoral artiguista, populista, democrática, anti-oligárquica, anti-imperialista, antirracista e anti-patriarcal de centro-esquerda a esquerda do Uruguai. Dela fazem parte vários partidos políticos e organizações da sociedade civil. A Frente Ampla foi fundada em 5 de fevereiro de 1971 na tentativa de eleger Líber Seregni à presidência da República. Com o golpe militar de 27 de junho de 1973, foi colocada na ilegalidade e reprimida, assim como os líderes que a formavam. Seu líder à época, Líber Seregni, chegou a ser preso. Sua fundação sintetizou um processo de união de uruguaios estabelecido pelo Congresso do Povo, a unidade sindical formada por uma central sindical única que chegou à unidade política com a fundação da FA, a qual se define como uma coalizão e movimento e é composta por partidos, movimentos e grupos que atuam junto com toda uma rede de militantes agrupados em comitês de base e organizações departamentais. Mais de trinta anos depois, já na democracia, elegeu Tabaré Vázquez para presidente do Uruguai. Após cinco anos de um governo popular, Vázquez elegeu seu sucessor, José Mujica. Em 2014, o próprio Vázquez foi eleito presidente novamente. Assim, a FA se manteve 15 anos no poder executivo no Uruguai. Em 2020, o partido deixou a presidência do Uruguai após a eleição de Luis Lacalle Pou, do Partido Nacional. Atualmente, a FA é formada pelo Movimento de Participação Popular, pela Assembleia Uruguai, pelo Partido Socialista, pelo Partido Comunista do Uruguai, pela Aliança Progressista, pela Vertente Artiguista, pelo Espaço Novo, pelos Cravos Vermelhos, pelo Partido da Vitória Popular, pelo Partido Operário Revolucionário, pelo Partido Socialista dos Trabalhadores, entre outros grupos de esquerda. Dentro dos grupos que compõem a FA, existem diferentes ideologias, como a social-democracia, o marxismo, o socialismo, o comunismo e, em menor medida, a democracia cristã e o liberalismo, bem como alianças, frentes e espaços internos. Essa força política promove, por sua vez, um modelo de estado de bem-estar. Por meio de seus legisladores, a FA reconhece o direito à morte digna, ao aborto, à união civil e adoção por pessoas do mesmo sexo e à mudança de nome nos documentos de transexuais. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente\\_Ampla\\_\(Uruguai\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Ampla_(Uruguai)). Acesso em: 01.05.2023.

<sup>11</sup> Discurso do Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos, José Miguel Insulza, na sessão de abertura da quarta cúpula das Américas. Disponíveis em: <<http://www.summit-americas.org/documents>> e <https://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1600021-5602,00-KIRCHNER+DEFENDE+INTEGRACAO+REGIONAL.html>

<sup>12</sup> Ibidem, p.149



capitalismo neoliberal, mas talvez um significativo amadurecer de consciências e de tomadas de posições para reparar injustiças sociais e sacudir o jugo de uma secular espoliação de riquezas do Novo Mundo pelas nações colonialistas e imperialistas. E esse desenho passa necessariamente por um novo pacto entre os povos da região e suas forças Armadas, de viés popular e democrático, nacionalista, e não mais oligárquico e antinacional.

*NÃO SOU nada.*

*Nunca serei nada.*

*Não posso querer ser nada.*

*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

*FERNANDO PESSOA – Tabacaria<sup>13</sup>*

A revista venezuelana América XXI, em seu nº 10, maio de 2005, traz um informe especial, onde se destaca o fato de que na Venezuela, em finais de 2004, se iniciou uma revolução dentro da revolução. Durante três dias, Chávez e seus ministros de Estado estiveram reunidos no Forte Tiuna e discutiram aquilo que o informe chama de Novo Mapa Estratégico, isto é, um aprofundamento da Revolução Bolivariana, estabelecendo-se dez pontos estratégicos para um salto adiante, cujo principal escopo é erradicar a pobreza na Venezuela até o ano de 2021. Uma meta ambiciosa e que prioriza dar “poder aos pobres”, como enfatiza o presidente, criar um novo modelo democrático de participação popular. Um dos pontos destaca a nova estratégia militar nacional que aprofunda a integração cívico-militar, não só para a defesa territorial do país e seu desenvolvimento econômico, mas também para uma integração militar latino-americana.

Chávez foi responsável por colocar a Venezuela em evidência no sistema internacional. Mas atribuir os acontecimentos na Venezuela apenas à hiperatividade de seu líder seria simplificar a realidade complexa do país. O presente trabalho afasta-se da tendência, comum em boa parte dos estudos, de sobre dimensionar a pessoa de Chávez e busca analisar a política externa venezuelana a partir de elementos estruturais, centrados na influência do petróleo.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. Frederico Barbosa (org.). Coleção Ler é aprender. Jornal: O Estado de São Paulo. Ed. Klick

<sup>14</sup> Revista América XXI, nº 10, maio de 2005, Informe Especial (págs. 8 a 14), matéria assinada por Maryena Presa Velásquez ([www.americaxxiweb.com](http://www.americaxxiweb.com)). Sobre o tema ver também a entrevista de Chávez a Heinz Dieterich no capítulo XV.

Inclusive também Almada prossegue sua investigação dentro do conceito da revolução dentro da revolução, podendo ser entendidos os passos dados por Chávez e pelo governo bolivariano a partir de 2006, na criação do PSUV (Partido Socialista Unido da Venezuela) e que já conta com quase 5 milhões de afiliados, 1,5 milhão em tempo integral; e da convocação de um referendo a se realizar em dezembro 2007, para eventual alteração do texto constitucional, onde se discute a modificação mais ousadas é a do artigo 136, onde se propõe a criação do Poder Popular, coma mesma equivalência republicana dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.<sup>15</sup>

Continente rico e população extremamente pobre, explorada, subjugada. Esse tem sido o destino de quinhentos anos dos povos do Novo Mundo ibérico. Sempre relegada a uma posição de coadjuvante no cenário internacional, vista mesmo como uma eterna fornecedora de matéria-prima e mão-de-obra barata para o cada vez maior enriquecimento das nações capitalistas, a América Latina parece acordar de vez da sua inércia e submissão aos interesses estratégicos de Washington, de Tóquio e da Comunidade Europeia, mesmo considerando as divergências e o grau de consciência para a mudança de cada um dos países que a integram.

Enfim, o petróleo, o gás, o cobre, o urânio e o cobalto, a água potável, as florestas e os rios piscosos, a agropecuárias em expansão, enfim, os recursos hídricos e minerais em abundância, são motivos suficientes para que se pense seriamente na sua defesa e na organização de um pensamento de desenvolvimento endógeno integrado e soberano.

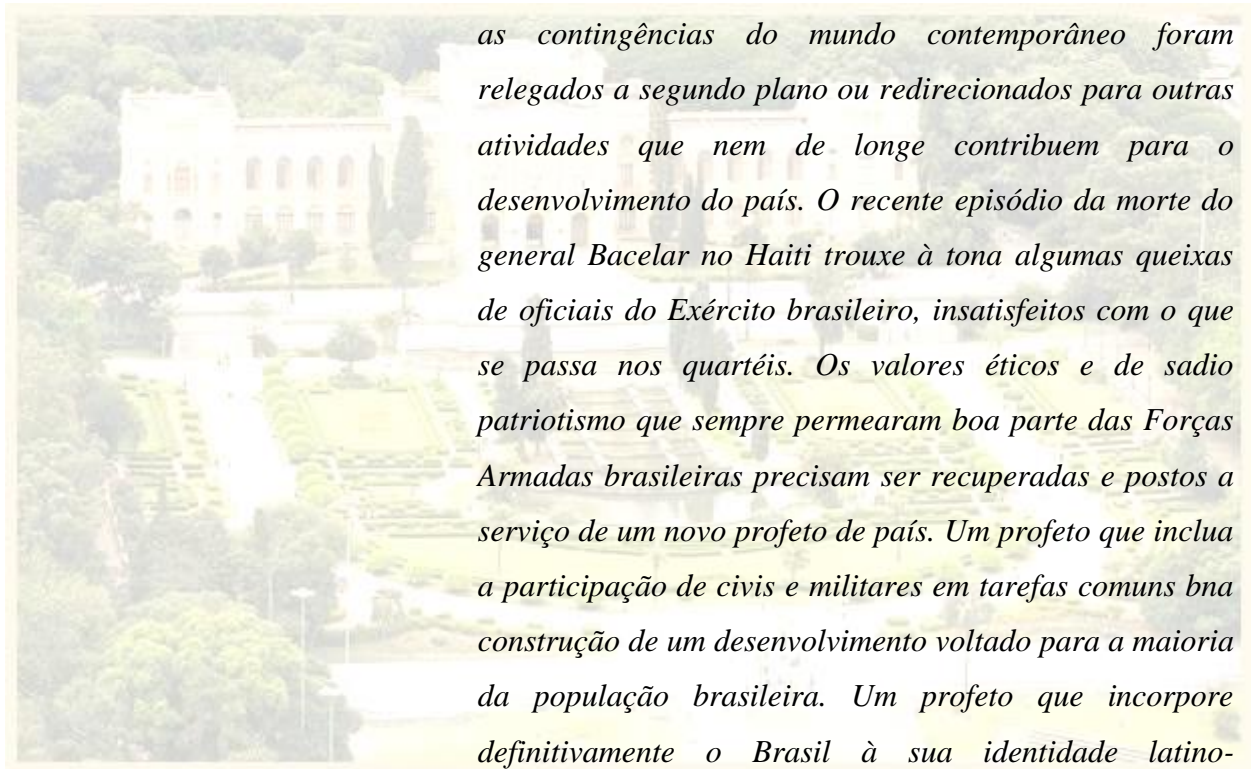
Almada traz um particular pensamento sobre as forças Armadas brasileiras ter um grande papel a jogar. A importância estratégica do Brasil nesse desenho geopolítico que ocorreu antes da tragédia que assolou o mundo na pandemia e após seu período crítico que levou o mundo a se reinventar e mudar seus modos, pelos trágicos e sucessivos fatos que resultou no redimensionamento quanto a gestão governo, com adoção de novas políticas públicas, mesmo assim, verifica-se que o autor detinha uma visão panorâmica de realidades que ao seu olhar poderiam traçar metas a ser reconhecida por todos:

*E não se trata de apenas de defesa territorial, em particular da Amazônia. O número de mazelas sociais no Brasil é enorme e a contribuição dos militares para*

---

<sup>15</sup> “El Poder Popular se expresa constituyendo las comunidades, las comunas y el autogobierno de las ciudades, a través de los consejos comunales, los consejos obreiros, los consejos campesinos, los consejos estudiantiles y otros entes que señale la ley.” Artigo 136

*extirpá-las, a exemplo da Venezuela, é inestimável. Nesse sentido, uma integração entre povo e Forças Armadas no Brasil, em nível popular, nacionalista e democrático é não só desejável, mas uma tarefa daqueles que ainda desejam a construção de um mundo mais justo e menos desigual. É sintomático que, no momento em que escrevo essas palavras (2006), se saiba que as forças Armadas brasileiras se encontram num estado de depauperação de seus efeitos, em que – propositadamente – os recursos destinados à sua modernização e instrumentalização para as contingências do mundo contemporâneo foram relegados a segundo plano ou redirecionados para outras atividades que nem de longe contribuem para o desenvolvimento do país. O recente episódio da morte do general Bacelar no Haiti trouxe à tona algumas queixas de oficiais do Exército brasileiro, insatisfeitos com o que se passa nos quartéis. Os valores éticos e de sadio patriotismo que sempre permearam boa parte das Forças Armadas brasileiras precisam ser recuperadas e postos a serviço de um novo profeta de país. Um profeta que inclua a participação de civis e militares em tarefas comuns na construção de um desenvolvimento voltado para a maioria da população brasileira. Um profeta que incorpore definitivamente o Brasil à sua identidade latino-americana. E também um profeta integral de soberania e democracia participativa. (ALMADA, 2007, p. 151-152).*



Prossegue este capítulo, na visão de Mangabeira<sup>16</sup>, na busca da chave para compreensão desse cenário que geopolítico que atravessa décadas de insucessos políticos, não somente na América do Sul, mas no mundo em quase sua totalidade. Na convicção de

<sup>16</sup> MANGABEIRA, João. *Em torno da constituição*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2019, p. VI (apresentação por Paulo Gustavo Gonet Branco. Dr. Em Direito (UNB). Professor do Instituto Brasiliense de Direito Público – IDP. Membro do Ministério Público Federal.)

Mangabeira autor, uma Constituição não pode ser vista apenas como uma construção intelectual destinada a especulações de juristas convencidos de que o direito não deve deixar-se contaminar com os elementos brutos da realidade. João Mangabeira enxerga na Constituição “um instrumento da felicidade coletiva”, conforme proclama no Discurso de 1926<sup>17</sup>, no título “Ainda o Poder Judiciário”, o autor mostra-se convicto de que: “a outra coisa não aspira uma Constituição, que não seja o bem estar do povo cuja vida política regula”. Mostra-se persuadido de que a Constituição, quando não é o documento de vitória de uma revolução social com ideário específico, “será sempre uma fórmula de equilíbrio e transação entre ideias, correntes e interesses, que atuam num meio social determinado”. Uma combinação do jurista e político, inseparáveis na personalidade do autor, assegurou-lhe, efetivamente, o mais “alto ponto de referência no campo do direito e da política”, como, em simpósio comemorativo do seu centenário de nascimento, depôs Josaphat Marinho. Se João Mangabeira não foi o “intérprete de artigos”, prosseguiu esse outro notável jurista e político baiano, foi ele “construtor de sistema normativo”, buscando insculpir nas instituições “não apenas a harmonia da lógica, mas, por igual, o timbre da utilidade social, sem privilégios. Empolgava-o a destinação da norma, como instrumento de equilíbrio entre os homens, sensível às transformações da sociedade”

No apontamento a várias preocupações que persistiam em enigmas desafiadores dos nossos contemporâneos, a serem encarado segundo as possibilidades de cada momento histórico. Fiel à crença socialista, (MANGABEIRA, 2019, p. VI-VII) permitiu-se ao brilhante verbo para denunciar injustiças sociais e excessos individualistas dos direitos liberais. E o faz com argumentos jurídicos apurados com a vocação humanista que aponta ao bom Direito.

Considerou sua defesa, como dever constitucional, que, na determinação do salário mínimo fossem devidamente computadas as necessidades dos trabalhadores e de suas famílias, a fim de que a quantia não se reduza ao elementar da sobrevivência, batizando o salário, como salário da fome, afirmando que já era um dever do senhor com relação ao escravo). O alerta às consciências democráticas para o perigo de se trivializar o ato de anular leis, produtos dos poderes políticos integrados por representantes do povo, por ele escolhidos, e submetido à responsabilidade política ínsita ao modelo de soberania popular. Recorre ao seu vasto conhecimento das peripécias da vida constitucional americana para apontar as graves consequências, por vezes sinistras, com danos gravíssimos a milhões de cidadãos e

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www2.senado.leg.br>

cidadãs. Avança em suas reflexões: “que o direito habilmente manejado é capaz de lançar a ponte entre a sociedade de hoje e a de amanhã”.

Mangabeira (2019, p. 128-129), sobre a eleição para presidente, mostrava uma severa visão crítica: “Os Governadores de mãos dadas, e empenhados nessa partida decisiva, jogada em torno de um nome, nella empregarão sempre, máxime no interior de seus Estados, todos os elementos formidáveis das machinas administrativas que dirigem.”

Como pode observar, a atualidade nos revela os mesmos vícios do passado e verifica-se que “ainda que o moderno é a época de uma razão forte dominada pela ideia de um desenvolvimento histórico do pensamento como incessante e progressiva iluminação. (...) essas coisas, pensaram mal, não leram os modernos, mas os manuais que falam deles. (ROSSI, 2000, p. 116).

### 3. SUFRAGIO UNIVERSAL: DIREITO NATURAL OU POSTO?

Remonta-se desde a Grécia antiga, uma semente embrionária da Democracia, em que era concedido aos cidadãos o poder para participar ativamente da vida política. Nesse sentido, o povo reunindo no Ágora, fez da Grécia seu o berço da democracia direta. O exercício direto e imediato do poder político, fez da praça pública, uma verdadeira nação.

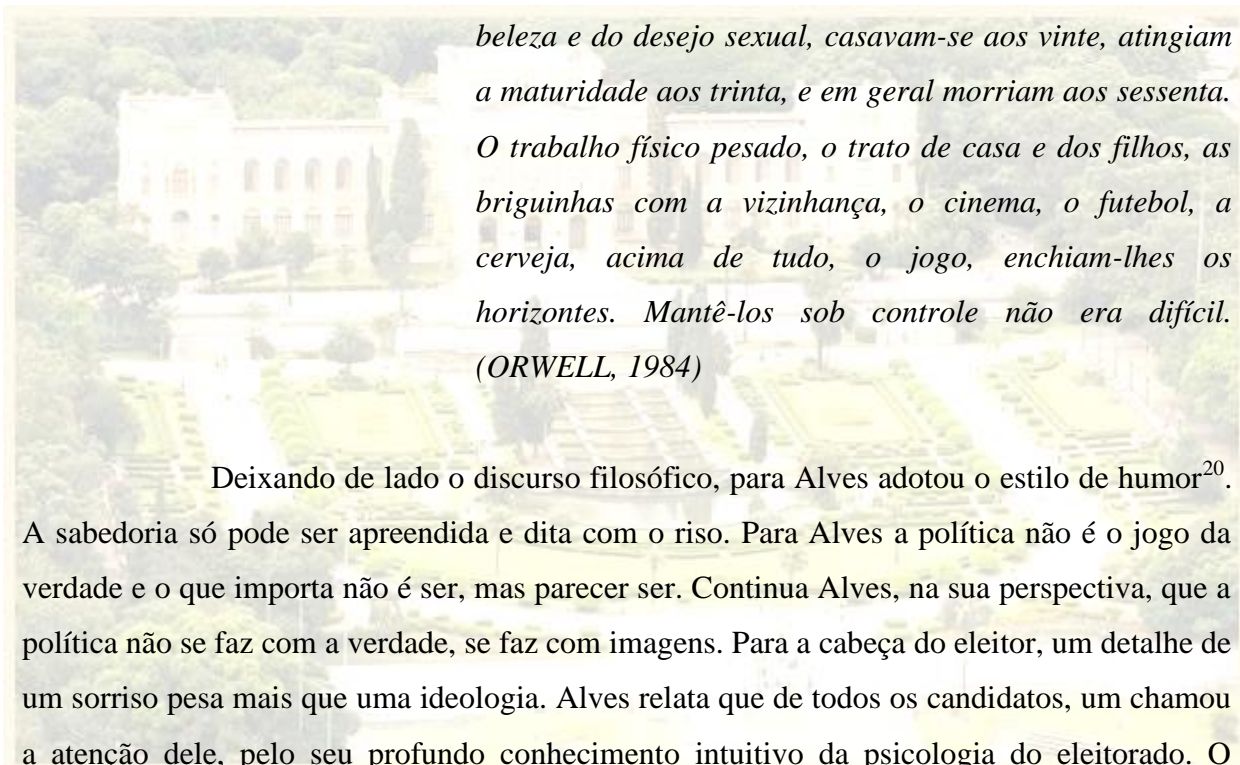
Sobre política, Alves<sup>18</sup> convida todos os eleitores refletirem sobre seu papel como responsável pelas escolhas políticas daqueles que alcançam o poder por meio do voto. Lançando seus créditos à proposta pedagógica. O trabalho do autor, é um alerta a todos que almejam encarar a responsabilidade na construção de uma cidade, de um estado e de um país mais justo e que atenda a todos em pé de igualdade.

O pedagogo, através das fábulas, apropriou-se do seu caráter educativo, promovendo na construção de uma visão crítica em torno de analogias, vivenciadas pelos

---

<sup>18</sup> ALVES, Rubem. *Conversa sobre política*. 1. Ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2018. O livro *Conversas sobre política*, reúne trinta e oito crônicas escritas pelo autor e publicadas, em grande parte, por jornais de grande circulação no Brasil. Nele, você encontrará assuntos do universo da política brasileira abordados a partir de um ponto de vista que se baseia no cotidiano e que quase sempre se apoiam em uma fábula, um conto, um romance ou até mesmo em filmes e em obras de conhecidos escritores, filósofos, poetas, pintores e compositores lidos por Alves. O conjunto das crônicas presentes em *Conversas sobre política* foi publicado como livro pela primeira vez em 2002, e reeditado em 2010. Alves, ciente de que a vida social exige que cada cidadão atue politicamente, discute não só o governo no poder naquele momento, mas também em épocas anteriores, examinando os anos da ditadura militar (1964 – 1985), por exemplo. Título da capa: “Sou obrigado a votar...”

personagens demonstrando um retrato do cotidiano social no país. No final de várias crônicas, surge uma “moral da história” acompanhada de uma lição que deve ser aprendida. Percebe-se que ele “utiliza a mesma técnica, de maneira didática, ao citar outras fontes, como Charlie Chaplin, Chico Buarque, Gabriel Garcia Márquez, entre muitos outros, evidenciando sua versatilidade e seu amplo conhecimento de mundo”. Sobre a política, na perspectiva de Alves, não pode ser entendida com cabeça de filósofo: “Só pode ser entendida com cabeça de bufão”. Orwell<sup>19</sup> chegou à conclusão semelhante:



*Nasciam, cresciam nas sarjetas, iam para o trabalho aos doze, atravessavam um breve período de floração da beleza e do desejo sexual, casavam-se aos vinte, atingiam a maturidade aos trinta, e em geral morriam aos sessenta. O trabalho físico pesado, o trato de casa e dos filhos, as briguinhas com a vizinhança, o cinema, o futebol, a cerveja, acima de tudo, o jogo, enchiam-lhes os horizontes. Mantê-los sob controle não era difícil.*  
(ORWELL, 1984)

Deixando de lado o discurso filosófico, para Alves adotou o estilo de humor<sup>20</sup>. A sabedoria só pode ser apreendida e dita com o riso. Para Alves a política não é o jogo da verdade e o que importa não é ser, mas parecer ser. Continua Alves, na sua perspectiva, que a política não se faz com a verdade, se faz com imagens. Para a cabeça do eleitor, um detalhe de um sorriso pesa mais que uma ideologia. Alves relata que de todos os candidatos, um chamou a atenção dele, pelo seu profundo conhecimento intuitivo da psicologia do eleitorado. O candidato não colocou, nos outdoors que o anunciam, nem promessas nem fotografias coloridas. Colocou apenas, ao lado do seu número e do apelido diminutivo, por que é conhecido, uma bola de futebol, quadriculada em preto e branco. Moral da história, o candidato sabe da psicologia do eleitorado que é a psicologia da torcida. A psicologia da

<sup>19</sup> ORWELL, George, livro 1984, domínio público.

<sup>20</sup> Orwell escreveu o livro *Animal Farm* (em português apareceu como *A revolução dos bichos*). Todo mundo deveria lê-lo para rir e para ficar mais sábio. É a história de uma fazenda cuja bicharada resolveu fazer uma revolução democrática contra o fazendeiro. Nada mais racional. Mas quem leu o livro se lembra do final: o cavalo, que fazia o trabalho pesado, termina seus dias numa fábrica de mortadela, enquanto os gordos porcos, na liderança política, assumem democraticamente o poder em alianças secretas com o fazendeiro deposto. (ALVES, et. al, ORWELL, pág. 65)

torcida ignora ideias e ética. Por amor ao nosso time, todos os crimes são permitidos e perdoados. “Vote em mim! Será um gol para o nosso time!” – é isso que o outdoor do referido candidato está dizendo. Será reeleito pela torcida, diz Alves (2018, p. 65)

Relata o autor, sobre um outro gostava de posar de pregador evangélico, com a Bíblia na mão. Candidato com a bíblia na mão está dizendo: “Tenho ligação direta com Deus”. (...) Quem acredita ter ligação com Deus não precisa ter ligação com os homens. Se sei o que Deus deseja, por que perder meu tempo com aquilo que os homens desejam? Todo político que cita Deus é um ditador em potencial.

Democracia deve ser assim. Os partidos são os construtores. Cada um deve apresentar um projeto da casa-país que se propõe a construir. A democracia começa quando o eleitor escolhe o projeto menos ruim, e assim afirma Alves desconhecer alguma ideia entregue para análise da sociedade, através de um projeto por inteiro, com metas e logísticas fundamentadas para atender as demandas da sociedade. Alves: “Algum político terá? Todos prometem as mesmas coisas: segurança, estradas, indústrias, emprego, educação, saúde, mas, qual é o projeto?”. Continua o autor: “Não quero votar. Não quero dar o meu aval ao processo. Mas sou obrigado. Será um voto triste, sem entusiasmo e sem esperanças de ver construída a casa-país com que sonho.”

Refletir sobre a Esperança, Alves relata que alguns amigos ficaram preocupados com ele, ao revelar que estava deprimido, lembrando que numa de suas crônicas, escreveu que havia perdido a esperança. Escolheu, para exprimir o que estava sentindo, aquele verso terrível de Álvaro de Campos, em que se refere à “luxúria única de não ter já esperanças”. Moral da história, Alves entendeu que seus amigos concluíram que ele estava com a alma doente, deprimida, precisando, talvez, do auxílio de um psiquiatra, entretanto, disse: “Tranquilizem-se, de fato, perdi as esperanças no momento em que me decidi a acreditar naquilo que os meus olhos têm estado a me dizer pela vida afora.” A perda da esperança pode ser uma manifestação de lucidez. O próprio Álvaro Campos, sem modéstia alguma, ligava a perda da esperança à inteligência: “Sou inteligente: eis tudo”.

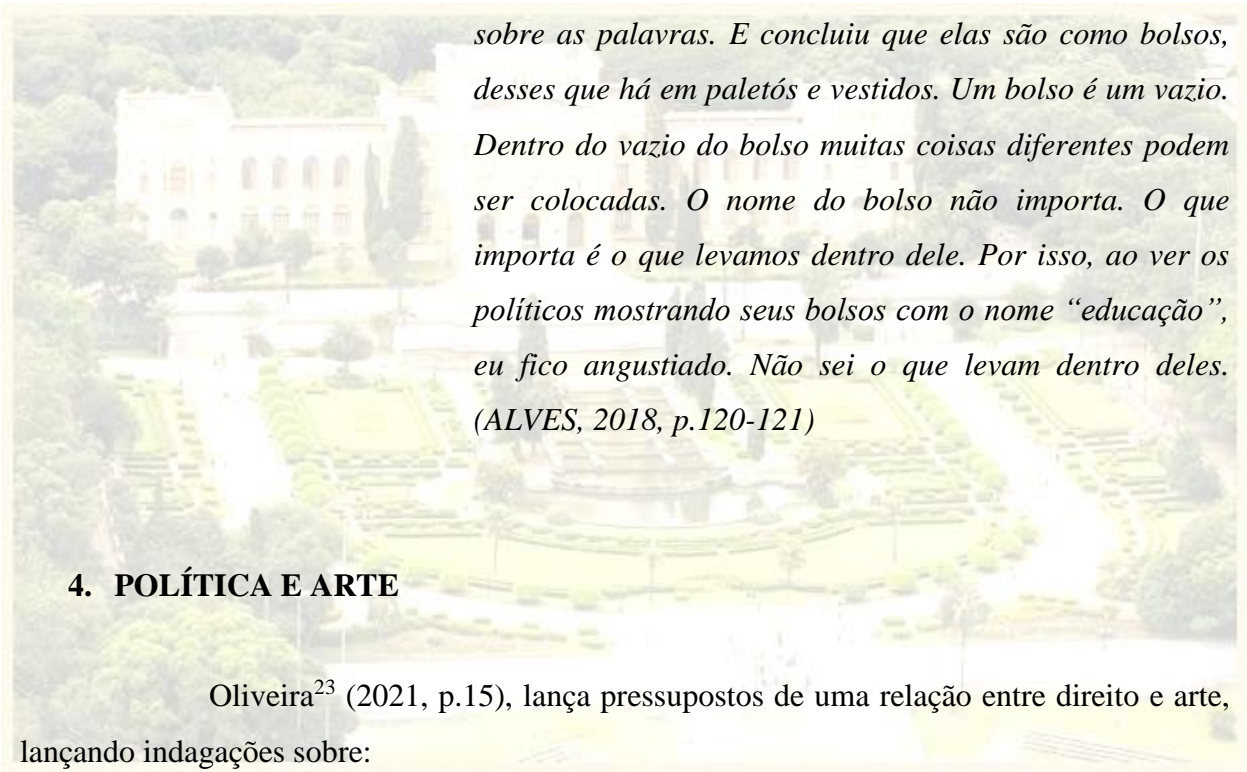
Falar sobre esperança, faz do leitor e leitora que, conhecedores da mitologia, lembrarão instintivamente, do mito da caixa de pandora,<sup>21</sup>

Em contraponto à perspectiva apresentada sobre a esperança, Maquiavel<sup>22</sup>, para o príncipe, o mais importante é ser virtuoso. E a sua pergunta segue-se a resposta

<sup>21</sup> Pandora recebera de Júpiter uma caixa cujo conteúdo ela ignorava; impelida pela natural curiosidade do seu sexo, quis abri-la, e todos os males se espalharam pela terra. Fechou imediatamente a tampa, mas no fundo da caixa só ficou a esperança. (Mitologia Greco-Romana. Título do original francês: “La mythologie dans l’art ancien et moderne”. 1.ª ed., 1985 e 2.ª ed., 1991. Tradução: Aldo Della Nina, São Paulo: Opus Editora

surpreendentemente lúcida e cínica: “No jogo do poder o que importa não é ser, mas parecer ser” (...) “Política é caçada. Políticos são caçadores cuja presa é o poder. Mas todo caçador sabe que o segredo da caçada depende da capacidade de ocultar, dissimular, enganar.”

Sobre a educação, Alves (2018, p. 120-121), diz que todos os candidatos usavam e ainda usam, muito a mesma palavra, “educação”. Pois bem, uma democracia não sobrevive bem com um povo que não concorda com a imprescindibilidade educação para uma sociedade feliz. Mas, Alves indaga: “estarão dizendo a mesma coisa?” Conclui, portanto, em suas reflexões:



*Wittgenstein, filósofo austríaco, passou a vida pensando sobre as palavras. E concluiu que elas são como bolsos, desses que há em paletós e vestidos. Um bolso é um vazio. Dentro do vazio do bolso muitas coisas diferentes podem ser colocadas. O nome do bolso não importa. O que importa é o que levamos dentro dele. Por isso, ao ver os políticos mostrando seus bolsos com o nome “educação”, eu fico angustiado. Não sei o que levam dentro deles.*  
(ALVES, 2018, p.120-121)

#### 4. POLÍTICA E ARTE

Oliveira<sup>23</sup> (2021, p.15), lança pressupostos de uma relação entre direito e arte, lançando indagações sobre:

*quais as relações que subjazem quando se pretende cuidar de direito e arte? Na medida em que a arte revela o*

<sup>22</sup>Maquiavel, O Príncipe, obra em domínio público.

<sup>23</sup> Oliveira, Régis Fernandes de. Direito e arte. Barueri, SP- ed.: Novo Século, 2021. “ O direito é autofágico. Elimina o direito antigo, ao mesmo tempo que institui o novo. A arte não mata. Cria coisas maravilhosas para sua sensibilidade humana.” (...) “É secular o confronto entre Estado e arte. O primeiro busca submetê-la ou utilizá-la como propaganda oficial do governo. A segunda resiste e, sutilmente, mostra o ridículo da imposição. O Estado se vale da violência; a arte da perspicácia. O texto analisa os movimentos artísticos em diversos momentos históricos e seu correspondente no mundo jurídico. O Estado usa a tributação e o poder de polícia para restringir a liberdade artística. A arte busca escapar dela. O Estado limita patrocínio ou financia os que são ideologicamente sintonizados. A arte cria novos caminhos. O autor não se preocupa exclusivamente com a norma jurídica; busca vê-la ao lado dos movimentos artísticos e na fluência do tempo. A sociedade agradece.”



*substrato do que há na sociedade, as dimensões, os conflitos, as guerras, os sistemas políticos, os consensos, a harmonia e a paz, tudo ganha sentido nessa relação. É que os artistas, mais que ninguém, estão sintonizados com a sociedade e com os dilemas que esta vive. Como o artista se manifesta em determinado momento histórico? Ele, que vive dada realidade, expõe sua sensibilidade e retrata seus sentimentos nas obras que produz. Na medida em que o artista é um ser no e do mundo, retrata em sus obras (músicas, poesias, romances, esculturas, pinturas, danças e cinema) tudo que logra captar, com sua sensibilidade, todos os problemas que fluem no campo social.*

Ao longo da história, o estado, utiliza-se das normas jurídicas, reprimindo os movimentos artísticos. É o abuso do direito para calar a sociedade. É o direito como instrumento dócil nas mãos de maus governantes para dominar o artista. Daí os contornos que surgem. A ideia da infraestrutura política é a perene busca à pacificação dos conflitos. O poder busca a dominação dos movimentos sociais, O artista por vezes se aliena. Em outras, participa. No mais das vezes, por seu papel social é chamado a se manifestar. Muitos o fazem ostensivamente; outros através dos símbolos que criam (música, literatura, pintura, escultura etc.).

O objetivo é levantar reflexões sobre qual a interferência da arte no direito e no estado e destes naquela. Ao falarmos de estado estamos nos referindo na estrutura do exercício do poder político. Às avessas, qual o potencial de a arte interferir na política? O direito disciplina condutas humanas, prevê regras para organizar a vida em coletividade e estabelece sanções na hipótese do descumprimento da conduta prevista na lei. Em primeiro, o estado capta , por seus agentes políticos, a realidade, observa-a e estabelece normas de convivência. Todos devem segui-las sob pena de uma reação da ordem jurídica (sanção institucionalizada). Assim, o cumprimento da norma é ignorado; seu descumprimento provoca uma reação que depende da maior ou menor lesão ao ordenamento normativo.

Previsão de comportamentos (na norma), descumprimento por parte de alguém e sanção. É assim que funciona o ordenamento normativo que disciplina as corretas condutas para possibilitar a boa convivência social.

O estado é governado por homens e, pois, sujeito a todas as virtudes e todos os defeitos de qualquer ser humano. Acertos e desacertos. Crueldade e bondade. Liberdade e não liberdade em eterno confronto. Luta de poderes. Direitos que nascem e morrem. Limites de comportamento para que não causem dano ao outro. Confrontos permanentes por força da natureza humana.

Cada qual de nós realiza suas atividades. Escolhe profissões, trabalha, produz, vende etc. Como qualquer ser humano comum. Alguns seguem o caminho da arte. Dentro de tal quadro é que surgem os artistas e suas obras. Mesmo o mais alienado deles vive em dada sociedade. Amam, casam-se ou têm relacionamentos homo ou heterossexuais, reproduzem-se, contam outros homens e mulheres, criam vínculos, desfazem-nos. A alteridade é conflituosa. Entram em órbita de confrontos em sua convivência.

## 5. AS DUAS FACES DA LIBERDADE VIGIADA

Através de décadas, enfatiza-se uma ideia fundamentalista de que as noções sobre a matéria se tornam adequadamente menos materiais, e as ideias sobre a mente, menos mentais. Esta é a base do monismo neutro que Russell<sup>24</sup> (1978, p.9) que apresenta como a chave do entendimento epistemológico. A ciência matemática traz significativas lições, (des) construindo paradigmas que se pulverizam em todos os seguimentos das convenções sociais e culturais.

---

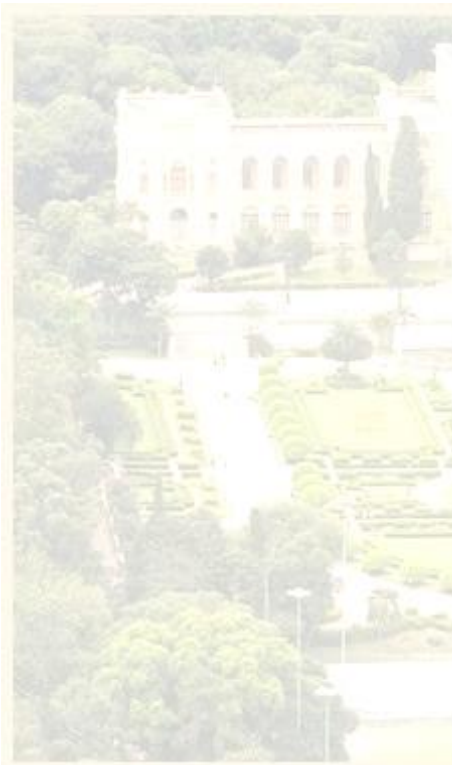
<sup>24</sup> RUSSELL, Bertrand. *Análise da matéria*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. Em *A Filosofia de Bertrand Russell*, organizada pelo Prof. Paul A. Schilp (1944), o Prof. Stace considerou o “Monismo Neutro de Russell”. Russell, em sua “Resposta à Crítica”, naquele volume, objetou a Stace sua manifesta exclusão de *Análise da matéria* na consideração daquele tópico para adequado posicionamento de “*Análise da Matéria*”, o desenvolvimento do pensamento de Russell, lembra a sua mais recente referência publicada sobre o trabalho.. Russell acrescenta que, embora haja algumas mudanças no modo de ver em relação às idéias contidas em nosso *Conhecimento do Mundo Exterior* e *A Análise da Mente*, que Stace considera, não obstante *Análise da Matéria* contém exposição mais ampla e minuciosa de teorias não muito diferentes daquelas anteriormente expressas. Por Lester E. Denonn, Nova Uork, N.Y. Março de 1954 (introdução, p.9)

*É sempre um prazer no debate quando se pode voltar as palavras de um adversário contra ele. E parece-me prazer maior citar palavras alheias em seu favor. encontrar em Russell o que ele admirou em Poincaré, tal como expresso no Prefácio de Russell a Ciência e Método, de Poincaré. Há aqui “o frescor da experiência concreta, o contato vívido e íntimo com o que ele está expondo. Resulta, então, certa riqueza e eco em suas palavras: o som emitido não é oco, mas provém de uma grande massa da qual apenas a superfície polida aparece”. Tal é sempre a mente de Bertrand Russell em atividade. ( DENONN, Nova Uork, N.Y. Março de 1954, (introdução, p.10).*

No prefácio lançado no livro “Análise da Matéria, Russell, (1978, p.11), revela seu empenho em descobrir o resultado filosófico da Física moderna, na atualidade, em que pese, cercado de grandes dificuldades. Isto porque, enquanto a teoria da relatividade atingiu certa forma estável, pelo menos temporariamente, a teoria dos quanta e da estrutura atômica desenvolve-se com tal rapidez que é impossível avaliar que forma assumirá nos próximos anos. Nessas circunstâncias, impõe-se julgar que partes da teoria estão definitivamente estabelecidas e quais aquelas que provavelmente serão modificadas no futuro próximo. Para quem não é físico profissional, como o autor deste livro, esse julgamento é difícil, e tende provavelmente a ser lacunoso. O assunto da relação da “matéria” com o que existe, e em geral da interpretação da Física em termos do que existe, porém, não pertence à Física apenas. São necessárias a Psicologia, a Fisiologia, a Lógica Matemática e a Filosofia, além da física, para uma discussão adequada do tema de que trata este volume. Russel cita Leibniz, extraído da obra, Philosophische Werke, p. 320 : “Embora se tenha dito que toda essa vida não passa de um sonho, e que o mundo visível nada mais é que um fantasma, eu chamaria esse sonho ou fantasma de bastante real, se, empregado bem a razão, nunca fôssemos enganados por ele.”

Embora os pensamentos aqui, remontam década passada, entretanto as ideias vão além do tempo, ou seja, tornam-se atemporais, através da observação da ideia de Russell

e Flaubert<sup>25</sup> (1981), resta demonstrando novos rumos das ciências em perene reconstrução, cuja temática não escapa ao olhar da matemática e da física. Das intenções de Flaubert, nada melhor do que transcrever um trecho de uma carta sua a Louise, em dezembro de 1852



*Você já percebeu que me estou tornando moralista? Será um sinal de velhice? Volto-me, certamente, para a alta comédia, pois sinto por vezes atrozes pruridos de descompor os seres humanos, e fá-lo-ei um dia, daqui a dez anos, num longo romance de larga enquadração (Bouvard e Pécuchet). Enquanto aguardo esse dia, acode-me uma velha idéia, a do meu Dicionário das idéias feitas. (Sabe o que é?) Sobretudo o prefácio excita fortemente; e, dada a maneira como o imagino (constituirá um livro inteiro), nenhuma lei poderá atingir-me, embora nele tudo ataque. Será a glorificação da história de todas as coisas aprovadas: demonstrarei que as majorias têm sempre razão e que as minorias estão sempre em erro; imolarei os grandes homens e todos os imbecis, os mártires e todos os carrascos, e isto num estilo inédito, de um só jato. Assim, quanto à literatura, provarei facilmente que, por se achar ao alcance de todos, o medíocre é o único legítimo, sendo preciso, por isso, desprezar toda originalidade como perigosa, estúpida, etc. Uma tal apologia de canalhice humana sob todos os seus aspectos, irônica, e ululante de começo a fim, cheia de citações, provas (que provarão o contrário) e textos terríveis (nada mais fácil), tem por objeto acabar, de uma vez por todas, com as excentricidades, quaisquer que elas sejam. Dessa forma abordarei a moderna ideia democrática a respeito da*

---

<sup>25</sup> FLAUBERT, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Tradução de Galeão Coutinho e Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981. Sinopse lançada na contracapa do livro e extraída para colacionar aqui, neste artigo firma-se e confirma-se em “Bouvard e Pécuchet - último romance de Flaubert, de publicação póstuma. Sátira e paródia - em torno dos ideais de dois personagens pequeno-burgueses em busca de um saber que amplie os horizontes de sua existência medíocre.

*igualdade, segundo o conceito de Fourier: os grandes homens tornar-se-ão inúteis, e direi que foi para demonstrá-lo que escrevi este livro.*

O estudo da matemática, comprime a sensibilidade e a imaginação, a nos provocar ecos, não raros, na explosão de terríveis paixões. “É preciso que a discórdia social se transforme em oceano no copo da anarquia, pois a ânsia da verdade está no fundo do vaso e torna-se preciso sorvê-lo até a última gota, para poder atingir esse sentimento tão útil.”

### 5.1. A SENSIBILIDADE NA ACESSIBILIDADE DO EXERCÍCIO ÀS URNAS

Étienne de La Boétie<sup>26</sup> em seu discurso sobre a servidão voluntária, ressalta o poder de um só homem exercer sobre os outros é ilegítimo e da preferência pela república em detrimento da monarquia. Em regra, crenças religiosas são limitantes, entretanto, observa-se com muita frequência a utilização deste método desviante pelos políticos, representantes do povo, o que se nomina de crenças ideológicas limitantes. Tal comportamento verifica-se, inclusive, desde as monarquias, mantendo o povo sob sujeição e jugo. La Boétie afirma no Discurso sobre liberdade e igualdade de todos os homens na dimensão política. Ora a reunião dessas liberdades sobrevém a fraternidade. O discurso informa sobre uma irracionalidade da servidão, incapacitando ser de per si repelir todas as formas de demagogia, o que pioneiramente, mais tarde ficará conhecido como psicologia de massas. Este o título provocativo da obra, indica uma espécie de vício, de doença coletiva. O Discurso, no século XVI, Montaigne considerava difícil prefaciá-lo, entretanto, é uma lógica absurda e triste, constatar que torna-se cada vez mais difícil pertencer-se. O ser humano encontra-se em amarras auto infligidas por toda a parte. Como dizia Manuel J. Gomes, importante tradutor de La Boétie para o português: Se em 1600 era tarefa difícil escrever um prefácio a La Boétie, hoje não é mais fácil. Hoje como nos tempos de La Boétie e Montaigne, a alienação é

---

<sup>26</sup> Étienne de La Boétie morreu aos 33 anos de idade, em 1563. Deixou sonetos, traduções de Xenofonte e Plutarco e o Discurso Sobre a Servidão Voluntária, o primeiro e um dos mais vibrantes hinos à liberdade dentre os que já se escreveram. Toda a sua obra ficou como legado ao filósofo Montaigne (1533 – 1592), seu amigo pessoal que, diante de uma primeira publicação — pirata — do Discurso em 1571, viu-se obrigado a se pronunciar a respeito da Obra, que procura minimizar em seus efeitos apodando-lhe o epíteto de —obra de infâncial e —mero exercício intelectual. Montaigne, com todo o seu inegável brilho intelectual, era um Homem do Estado e disso não escapava.

demasiado doce (como um refrigerante) e a liberdade demasiado amarga, porque está demasiado próxima da solidão.

Trazendo esta realidade para o cenário nas eleições, nota-se que o sistema que pretendia proteger os direitos das minorias foi pervertido. Ora, em uma democracia justa, é importante proteger os direitos das minorias, mas, a obviedade nos remete também a pensar na proteção dos direitos das majorias, ou seja, há de haver o equilíbrio da balança.

O esforço para privilegiar a vontade política da minoria começa com o controle do voto. Sobre o encarceramento das massas pode haver ocorrido por variados motivos, mas, evidente, que seus efeitos maléficos são percebidos a cada grupo e camadas sociais. Um desses efeitos, verifica-se como exemplo, a não permissão, de criminosas e criminosos condenados, votarem. Conforme observado por Stiglitz<sup>27</sup> (2021, 184-185), notavelmente, em muitos estados, presidiários e ex-presidiários são privados do direito ao voto, embora sejam contados para fins de representação. Alguns estados colocaram as penitenciárias em locais específicos como instrumento adicional de facilitação do “gerrymandering”<sup>28</sup>.

A trajetória da experiência com a democracia demonstrou a importância de sistemas de freios e contrapesos. A democracia visa assegurar que nenhum indivíduo ou grupo tenha poder excessivo, e a Carta de Direitos foi criada para garantir que nem mesmo a maioria possa tomar certas liberdades com a minoria. Outro fator preponderante que não se pode escapar do olhar, encontra-se nos casos de imigração tentando restringir a entrada no país daqueles que têm mais probabilidade de votar nos democratas. O conflito sobre a política de imigração é, ao menos parcialmente, um conflito sobre futuros eleitores.

## 6. A SINCRONICIDADE DE UM DIREITO PENSADO

Novos desafios :

---

<sup>27</sup> STIGLITZ, Joseph E. Povo, poder e lucro: capitalismo progressista para uma era de descontentamento. Tradução Alessandra Bonruquer. - 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.

<sup>28</sup> *Gerrymandering* (palavra de origem norte-americana) é um controverso método de definir em termos de área os distritos eleitorais de um território para obter vantagens no número de representantes políticos (geralmente parlamentares) eleitos, em especial nos locais onde se utiliza o sistema eleitoral majoritário com voto distrita. O *gerrymandering* pode também servir para favorecer ou prejudicar um determinado grupo étnico, linguístico, religioso ou social ou político-partidário.

*Mas o que é o próprio governo, senão a maior das críticas à natureza humana? Se os homens fossem anjos, não seria necessário governo algum. Se os homens fossem governados por anjos, o governo não precisaria de controles externos nem internos. Ao moldar um governo que deve ser exercido por homens sobre homens, a grande dificuldade reside nisso: é preciso primeiro capacitar o governo a controlar os governados e em seguida obrigá-lo a controlar a si próprio. A dependência para com o povo é, sem dúvida, o controle primordial sobre o governo, mas a experiência ensinou à humanidade que precauções auxiliares são necessárias. (MADISON, 1787-1788, p.350)<sup>29</sup>*

Na minha perspectiva, o pensamento lançado no artigo de Madison, carece de reflexão. Conseguir reconhecer através das imagens e conceituar o dia, implica na ideia que já conhecemos a noite. Assim é a nossa condição para construir nossa existência. Deixar a força dos anjos nos conduzir, será permitir ceifar qualquer condição de amadurecimento civilizatório.

Para o drama da liberdade, chegado o momento de colocar, face-a-face, a doutrina existencialista, por uma eixo representadas pelos filósofos do passado em Sartre e por outro, representado os filósofos do presente, em Attié.

A cada capítulo deste estudo, a doutrina existencialista de Sartre e Attié, esteve presente na construção do imaginário criativo, possibilitando condições afirmativas na construção da existência, rumo a liberdade na adversidade de tudo que há neste mundo.

Da teoria sartreana do ser-para-si conduz a uma teoria da liberdade. O ser-para-si define-se como ação e a primeira condição da ação é a liberdade. O que está na base da existência humana é a livre escolha que cada homem faz de si mesmo e de sua maneira de ser. O em-si, sendo simplesmente aquilo que é, não pode ser livre. A liberdade provém do nada que abriga o homem a fazer-se, em lugar de apenas ser e é desse princípio decorre a doutrina de Satre, segundo a qual o homem é inteiramente responsável por aquilo que é...

<sup>29</sup> MADSON; HAMILTON; JAY. Os artigos federalistas 1787 -1788. Tradução Maria Luiza X. de A. Boges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Attíe<sup>30</sup> (2003, p.11), explica que sua obra traz uma perspectiva diversa dos manuais e estudos tradicionais. Sendo seu ponto de partida e de chegada, tocar no sentido ou na experiência, através do reconhecimento: “o direito é um modo da existência”. Fazer um saber ou uma instituição, “expressa-se no relacionamento das pessoas, mediado pela presença das coisas, constituindo uma experiência”. Na ciência do direito, entende-se as vicissitudes desse co-existir, que se estabelece de múltiplas maneiras, de diversos modos. A relação jurídica encontra fundamento na co-existência, o saber do direito constituindo-se como sua fenomenologia. Daquilo que influenciou, pois, “o caminho que o leitor e a leitora seguirão destacados pela filosofia da existência, pela antropologia política, pela crítica do direito romano e a nova história.”

De modo deliberado, Attíe não fixa definições e conceitos, não constrói estruturas, não constitui sistemas, alegando isto por duas razões: antes de tudo, Attíe não acredita que sejam procedimentos válidos para entender a relação jurídica; por se traduzir por uma inutilidade metodológica, afirma Attíe ser :

*nociva ao fetichizar essências e criar tipos ideais, que sabemos não correspondem à realidade de que tratamos, parece claro que tais categorias desservem a captar um processo, uma relação, quer dizer, algo que se traduz em ato, dinâmica, movimento (sendo) e não em estado.*

A obra<sup>31</sup> conduz o leitor e a leitora a várias narrativas de experiências, compondo ensaios sobre as formas de tal co-existir, que destaca: “ como um conflito entre a identidade (ou a qualidade de ser, construir e fixar o mesmo, ou seja, a permanência) e a alteridade (ou a qualidade de ser outro, assim, a mudança), percorrendo múltiplos domínios do saber humano”, em especial, os que se atribuem a história, a antropologia, a psicanálise, a filosofia e a literatura, em um esforço para os não destacar do direito.

Conclui Attíe que: “se o direito se traduz na relação jurídica, tal relação é de conflito, o consenso sendo resultante de duas maneiras de relação: uma que nega as diferenças

<sup>30</sup> ATTÍE, Alfredo. *A reconstrução do Direito: existência, liberdade, diversidade*. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2003.

<sup>31</sup> Divide-se o livro em duas partes: a) a primeira percorre o que defini como modos de identidade (chamados conversão, representação, julgamento, exploração, opressão e ilusão) ou a maneira como se constitui a dominação ou desigualdade; b) a segunda, os modos da diferença (o outro primitivo, a diversidade na história e a alteridade na inconsciência) ou a maneira de recuperar a liberdade, pá. 12.



e tenta – arbitrariamente – construir a identidade, destruindo o que caracteriza a diversidade das pessoas e das coisas (entes, enfim), outra que reconhece as diferenças e procura mostrar como logra permanecer, enquanto diversidade, para que a convivência, sempre difícil, possa se traduzir em liberdade.

Attíé traz uma inovadora visão ao recuperar, para o direito, uma concepção de propriedade: a) mais ampla por um lado: a ideia de propriedade, adequada à compreensão do modo de ser, é existência; b) mais precisa, por outro: esse modo de ser corresponde à reivindicação de uma existência específica – que se traduz em alteridade -, a qual se pode chamar selvagem (assim como já se falou na *pensée Sauvage*). A essa revisão original da propriedade corresponde: a) o que denominei presença (um modo da política e do direito), que se quer livre; e b) um pensamento (a compor tais existência e presença), que se faz na e da – e que é – diversidade. O fundamento da concepção do direito – que aqui faço operar – estaria na existência (que é propriedade), sua prática, na presença (que é liberdade) e seu pensamento, na diversidade. Ao por os termos dessa maneira, procurei afastar-me do caráter repetitivo dos manuais (tão vinculados à matriz kantiana, que se esquecem de a referir, por um lado, e a pretendem intocável, por outro) e da igualmente repetitiva análise da função social (e seu desligamento da ideia de estrutura) tateando novos percursos, os quais acreditei mais profícuos para a apreensão do direito e de suas vicissitudes, não um fenômeno (estático, pois), mas um processo (devir).

Attíé ligou todo o percurso à configuração, desejo ou desenho diverso a) da justiça: compreendida como acolhimento; e b) do direito, após a crítica de seu caráter de dominação (legal, pessoal, subjetivo e, pretensamente, humano) na modernidade. Nesta crítica, procurei não desligar os enunciados normativos – e sua interpretação (doutrinária e jurisprudencial) - de sua realização concreta..<sup>32</sup>

Na tópica das paixões e rumo a luz Attíé mapeia as condições que traduzem a face da liberdade: “Negadas as diferenças para construir a identidade, a diversidade de pessoas e coisas é destruída. Reconhecidas as diferenças, a convivência, difícil embora, se traduz em liberdade. Na sociedade selvagem propriedade é alteridade, na medida em que ser primitivo é ser outro. O ser humano justo é justo, quando ele observa e se conforma à objetividade das coisas do mundo ou é aquele disponível à realidade que emana do ser das coisas.”

---

<sup>32</sup> Ibidem, pág. 13-26



*“Cessem do sábio grego e do Troiano as navegações grandes que fizeram; cale-se de Alexandre e do Trajano a fama das vitórias que tiveram, que eu canto o peito ilustre lusitano; cesse tudo o que a Musa antiga canta”*

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todas as nações, umas alimentam a vitória por quebrarem as algemas do despotismo e autoritarismo, outras ainda tardam a erguer-se pelo grito da liberdade; porque, àquelas pela flama que culmina nas distopias, se salvaram; estas estão a beber até as últimas gotas do fel da tirania se não cantarem pela vontade, não na faculdade do simples desejo latente, mas na energia vital resultante da força da alma; não pela espada que sangra, mas pela espada do conhecimento que rasga o véu das ilusões. Por toda a parte do planeta, levantam-se os povos em incessantes lutas contra a execrável imbecilidade dos governantes. A hipocrisia e a maledicência, há de ser iniqua contra a espécie humana. Nossas dificuldades no século XXI, mostram-se diferentes e até estranhas no seu modo de se manifestar, considerando o avanço acelerado da política e do direito dos povos, através das portas da tecnologia do universo virtual, mas inquietantemente semelhantes àquelas que encontramos registrados nos livros de séculos e décadas de nossos imortais filósofos, cientistas e artistas. Isso não significa que não haja nada que possamos fazer. Destarte, não se pode ignorar que muitos de nós ainda estamos presos ao cipoal das ilusões a esperar uma civilização planetária que faça uma passagem harmoniosa para um futuro promissor com os que nos representam na política. Não precisamos ficar parados e esperar pelo resgate dos governantes. Contudo, tal desfecho benigno, exige ação decidida de todos, governantes e governados, a ser implementada com urgência, cujo intento será atingido se campanhas sustentadas em ideologias humanitárias e democráticas, conseguirem transformar atitudes coletivas e estilos de vida. A sensação de se ter nas mãos o poder de decisão de enfim sacudir, de viva força, o jugo de ferro que por tantos séculos vem-nos pesando o jugo. Sempre há tempo de todos nós, através de todas as artes e ciências unidas em Gaia. Este estudo versou na observação de dois elementos: a liberdade vigiada pelos governantes (Estado) e a liberdade vigiada pelos governados (Nação).

Não mais precisamos pertencer à antiga sociedade dos poetas mortos

A maledicência dos que nos representam e dos que a eles apoiam, enquanto nação e a futilidade das ilusões com que os nossos pais e avós nos embalaram, são como penas soltas ao vento que impossibilitam seu recolhimento, engessando nossas possibilidades. Riscar para sempre da memória esses ridículos preconceitos de nos farta em superstição, com o pérfido intuito de mais a seu alvo, nos emburrecer e envelhecer.

A consciência existencial traz para o papel a ser desempenhado no sufrágio universal, direito dos povos, um comportamento às urnas determinadas narrativas, lidas conforme cenários e contextos históricos.

Estudar filosofia, artes, música, estética, alimenta o pensamento ético. Com avante se observará, a esperança se baseia na união de dois poderes espirituais, a consciência moral da inaceitável guerra degenerada no assassinato em massa de indefesos e o conhecimento racional da incompatibilidade da guerra tecnológica com a sobrevivência da raça humana.

As incertezas também são fundamentais para a vida, possibilitando um mundo infinitamente maior para se explorar. Não poderiam ser admissíveis em nenhum campo da ciência, crer em ideias sobre certeza absoluta, precisão absoluta, verdade suprema, etc., são produtos da imaginação humana que o tornam o próprio produto, indo além da ideia de consumidor face ao comportamento que se transforma numa versão prosumidora (produto + consumidor). Porque a crença de que exista apenas uma verdade, estando o próprio ser de posse dela, é o que se verifica ser a raiz de todos os males do mundo.

Refletir sobre perspectivas fundamentalmente vitais e ligadas à ciência. Uma delas é a relação entre a teoria e a prática, entre o pensar e o agir. As Musas das artes liberais, parecem apontar para o mundo da subjetividade, para o campo dos nossos (pré) julgamentos e conjecturas frente ao desconhecido. Mas enquanto as ideias e as intenções estão apenas no âmbito da teoria, a situação é menos grave e os malefícios não efetivados. O problema é a passagem da teoria para a prática. Essa passagem é simbolizada pela Esfinge. Ou seja, a ciência se desenvolve numa dialética entre a teoria e a prática. Como deve ser a relação entre estas esferas? Por que a relação entre ambas na maioria das vezes é conflituosa e desajustada? O aspecto bom ou ruim que a ciência possa assumir vai depender do modo como essas dimensões entre a escolha, a decisão e a ação, vão se atualizar. O existencialismo é um humanismo para um fim sem fim, na perene reconstrução do Direito em sua existência, rumo à liberdade, não com um fim em si, mas um fim para si, na diversidade das coisas e o outro.

**BIBLIOGRAFIA**

**ALMADA**, Izaías. *Venezuela: povo e Forças Armadas*. São Paulo: Editora Caros Amigos, 2007.

**ATTIÉ**, Alfredo. *A reconstrução do Direito: existência, liberdade, diversidade*. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2003.

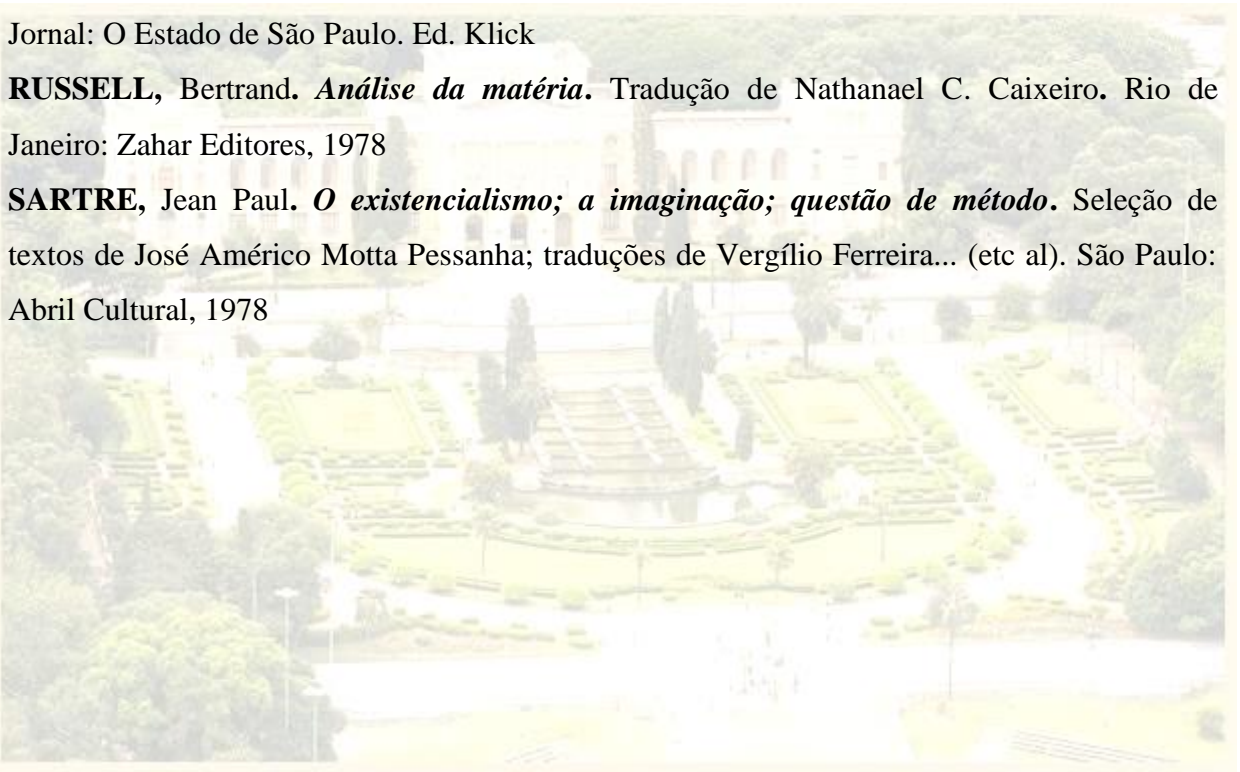
**FLAUBERT**, Gustave. *Bouvard e Pécuchet*. Tradução de Galeão Coutinho e Augusto Meyer. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1981.

**MANGABEIRA**, João. *Em torno da constituição*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2019

**PESSOA**, Fernando. *Poemas escolhidos*. Frederico Barbosa (org.). Coleção Ler é aprender. Jornal: O Estado de São Paulo. Ed. Klick

**RUSSELL**, Bertrand. *Análise da matéria*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

**SARTRE**, Jean Paul. *O existencialismo; a imaginação; questão de método*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Vergílio Ferreira... (etc al). São Paulo: Abril Cultural, 1978



All Rights Reserved © Polifonia - Revista Internacional da Academia Paulista de Direito

ISSN da versão impressa: 2236-5796

ISSN da versão digital: 2596-111X

[academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br](mailto:academiapaulistaeditorial@gmail.com/diretoria@apd.org.br)

[www.apd.org.br](http://www.apd.org.br)



This work is licensed under a [Creative Commons License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)